

A RESISTÊNCIA AO ESTILO DE RESIDÊNCIAS VERTICAIS NOS CONJUNTOS HABITACIONAIS EM TRÊS LAGOAS-MS

ALMEIDA, Rubenita Martins de¹
MILANI, Patrícia Helena²

Recebido (Received): 12-10-2019 Aceito (Accepted): 19-02-2020

Como citar este artigo: ALMEIDA, R. M.; MILANI, P. H. A resistência ao estilo de residências verticais nos conjuntos habitacionais em Três Lagoas-MS. **Formação (Online)**, v. 27, n. 52, p. 283-300, 2020.

Resumo

Para o desenvolvimento deste trabalho partimos de uma inquietação diante do processo de saída de moradores das residências verticais de dois Conjuntos Habitacionais na cidade de Três Lagoas, no Estado de Mato Grosso do Sul. Abordamos como a oferta de moradia popular através de conjuntos habitacionais verticais, sem considerar as experiências socioespaciais pregressas dos moradores influencia no êxito ou não deste estilo de moradia em cidades não metropolitanas. Do ponto de vista metodológico, realizamos entrevistas semiestruturada com moradores e ex-moradores dos conjuntos habitacionais, sujeitos sociais que modificam, transformam e produzem o espaço de moradia que lhes é oferecido. Consideramos que o abandono das moradias e suas implicações é a forma como a classe pobre resiste e modifica o que é oferecido dentro das práticas cotidianas, uma resposta à imposição de lógicas advindas de escalas mais amplas, ligadas à reprodução capitalista na cidade, em que o valor de troca se sobrepôs ao valor de uso. O que delinea características específicas de moradia para cada sujeito social que, por conseguinte, implica na aceitação (ou não) de moradias populares de baixa renda oferecidas pelo Poder Público nos moldes impostos. A nós compete investigar esse processo de resistência protagonizado pelos sujeitos sociais e suas implicações na cidade e no urbano.

Palavras-chaves: Urbanização; Segregação; Três Lagoas-MS.

RESISTANCE TO VERTICAL RESIDENCE STYLE IN THE HOUSING ESTATES IN TRÊS LAGOAS-MS

Abstract

To develop this work we stem from an unease in the face of the exit process of residents in vertical dwellings of two housing estates in the city of Três Lagoas, in Mato Grosso do Sul state. We covered on how popular housing offers through vertical housing units, without taking into account the past socio-spatial experiences of residents, have influenced on whether or not to succeed this style of living in non-metropolitan cities. Methodologically, we have conducted semi-structured interviews with residents and former residents of housing estates, social subjects who change, transform and produce the living space which are offered to them. We believe that house abandonment and implications are the way by which the poor class resists and changes what is on offer within daily practices, a response to the imposition of logics coming from larger scales, tied to the capitalist reproduction in the city, in which the exchange value has overlapped the value of use. Outlining specific housing characteristics for every social subject who, consequently implies the acceptance (or not) of low-income housing offered by public authorities as imposed. It is up to us to investigate this endurance process led by the social subjects and their implication on the city and urban.

Keywords: Urbanization; Segregation; Três Lagoas-MS.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas. E-mail: rubenita.geo@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8861-7416>.

² Professora Dra. na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas. E-mail: patriciah.milani@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9434-5584>.

RESISTENCIA AL ESTILO DE RESIDENCIAS VERTICALES EN VIVIENDAS EN TRES LAGOAS-MS

Resumen

Para desarrollar este trabajo partimos de una preocupación frente al proceso de desalojo a los residentes de las residencias verticales de dos conjuntos de viviendas en la ciudad de Três Lagoas, en el estado de Mato Grosso do Sul. Abordamos como la oferta de viviendas populares a través de conjuntos de viviendas verticales, sin tener en cuenta las experiencias socioespaciales anteriores de los residentes, influye en el éxito o no de este estilo de vivienda en ciudades no metropolitanas. Desde el punto de vista metodológico, realizamos entrevistas semiestructuradas con residentes y ex residentes de urbanizaciones, sujetos sociales que modifican, transforman y producen el espacio de vivienda que se les ofrece. Consideramos que el abandono de la vivienda y sus implicaciones es una forma en que la clase pobre resiste y modifica lo que se les ofrece dentro de las prácticas cotidianas, una respuesta a la imposición de la lógica desde escalas más amplias, vinculada a la reproducción capitalista en la ciudad, en la que el valor de cambio superpuso el valor de uso. Esto describe las características específicas de la vivienda para cada sujeto social, lo que en consecuencia implica la aceptación (o no) de viviendas populares de bajos ingresos ofrecidas por el Gobierno, según lo impuesto. Depende de nosotros investigar este proceso de resistencia llevado a cabo por los sujetos sociales y sus implicaciones para la ciudad y lo urbano.

Palabras clave: Urbanización; Segregación; Três Lagoas-MS.

RÉSISTANCE AU STYLE DES RÉSIDENCES VERTICALES DANS UN LOGEMENT À TRÊS LAGOAS-MS

Résumé

Pour le développement de ces travaux, nous partons d'une préoccupation concernant le processus de départ des résidents des résidences verticales de deux ensembles résidentiels dans la ville de Três Lagoas, dans l'État du Mato Grosso do Sul. Nous abordons l'offre de logements populaires par le biais d'habitations verticales, sans tenir compte des expériences socio-spatiales antérieures des résidents, influence sur le succès ou non de ce style de logement dans les villes non métropolitaines. D'un point de vue méthodologique, nous avons mené des entretiens semi-structurés avec des résidents et anciens résidents de lotissements, sujets de société qui modifient, transforment et produisent l'espace de logement qui leur est offert. Nous considérons que l'abandon du logement et ses implications sont une manière par laquelle la classe pauvre résiste et modifie ce qui est offert dans les pratiques quotidiennes, une réponse à l'imposition d'une logique à plus grande échelle, liée à la reproduction capitaliste en ville, dans laquelle la valeur d'échange chevauchait la valeur d'utilisation. Cela décrit les caractéristiques spécifiques du logement pour chaque sujet social, ce qui implique par conséquent l'acceptation (ou non) du logement populaire à faible revenu offert par le gouvernement, tel qu'imposé. Il nous appartient d'enquêter sur ce processus de résistance mené par des sujets sociaux et ses implications pour la ville et l'urbain.

Mots-clés: urbanisation; La ségrégation; Três Lagoas-MS.

1 Introdução

Para a elaboração deste texto partimos da necessidade de compreender o processo de abandono das moradias verticais dos conjuntos habitacionais Novo Oeste e Orestinho na cidade de Três Lagoas, no Estado de Mato Grosso do Sul, sobretudo a partir daqueles que vivenciam esse processo na cidade. Entendemos que o processo em questão, desde a concessão de moradias à etapa de abandono por parte significativa de pessoas, é composto por múltiplas dimensões, sendo que as dimensões que se vinculam aos sujeitos sociais é uma mescla de condicionantes objetivos e subjetivos, as quais nortearão a nossa discussão.

No Brasil, o déficit habitacional, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, são de sete milhões de famílias que, sem possuir casa própria, vivem de aluguel e/ou em locais impróprios, em situação de risco. Os programas sociais de habitação dos governos federal e estadual visam reduzir esse número ao fornecer moradias a famílias de baixa renda. Assim, inúmeras ações são tomadas dentro de programas de governos em diferentes períodos, como no caso do Programa Habitacional Minha Casa Minha Vida (MCMV) lançado em 2009, que serviu mais para movimentar a economia³, nas palavras de Ermínia Maricato. O Programa MCMV foi criado no ano de 2009, e dispõe da Lei 11.977/2009 sendo alterada em 2011 com a Lei Nº 12.424 teve como objetivo central a redução do *déficit* habitacional no país, mas também criar um contexto econômico que estimulasse o crescimento do mercado formal de habitação e crédito, bem como a geração de empregos.

Porém, compreendemos, assim como Abreu e Stoian (2019), o Programa MCMV como parte de um processo de disputa pelo direito à cidade, que toma as particularidades de seu momento histórico e faz emergir alguns questionamentos associados à superação da contradição entre o avanço das condições para o acesso à moradia de um lado e, de outro, a manutenção de uma estrutura espacial que mantém um quadro de precarização das condições espaciais da moradia nas cidades brasileiras.

Sendo assim, os programas habitacionais não trazem o retorno desejado, o retorno ligado ao objetivo de diminuir o déficit habitacional. Da criação da Fundação da Casa Popular até o Banco Nacional de Habitação foram diversos os programas que buscavam reduzir o déficit habitacional e foram muitos os fracassos (AZEVEDO, ANDRADE, 2011). Em Três Lagoas, além de muitas famílias sem residência própria, são muitos os abandonos das moradias, pertencentes aos Conjuntos Habitacionais verticais Novo Oeste e Orestinho, nosso enfoque de pesquisa.

O processo de criação e desenvolvimento do Programa MCMV no Brasil tem reunido uma crescente bibliografia que versa sobre os resultados no processo de produção do espaço urbano, decorrentes do programa no amparo de um movimento de ampliação do mercado privado da habitação, assim como verificado por Abreu e Stoian (2019, p. 62). Parte significativa das pesquisas e análises neste âmbito direciona o enfoque às estratégias econômicas, voltadas à produção de habitações, as estratégias imobiliárias e no consumo dessas moradias. Essa pesquisa (em desenvolvimento) privilegia a dimensão dos sujeitos sociais – sem

³ Conforme entrevista de Ermínia Maricato, professora aposentada da FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), que estuda o programa desde sua criação, cedida a UOL em dezembro de 2018. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/casa-cidade/>

desconsiderar o âmbito econômico – de forma a favorecer as diversas vozes àqueles que vivenciam socioespacialmente a atuação e a aplicação do Programa MCMV, bem como seus desdobramentos no espaço urbano, sobretudo no plano de cotidiano.

Do ponto de vista metodológico, recorreremos à linguagem do cotidiano que apreendemos a partir das entrevistas realizadas com roteiros semiestruturado com moradores e ex-moradores dos conjuntos habitacionais em questão; os roteiros foram organizados por assuntos (dados pessoais, processo para aquisição do imóvel, características e diferenciações residenciais, o processo de abandono do imóvel, o cotidiano, lazer, consumo, vizinhança), estratégia que favorece o tratamento do material produzido. Realizamos quatro entrevistas, sendo duas ex-moradoras, Cibele⁴ (Orestinho) e Barbara (Novo Oeste) e duas moradoras, Rebeca (Novo Oeste) e Paula (Orestinho).

Porém, durante as entrevistas, procuramos dar coesão à conversa, sem evidenciar a delimitação dos assuntos. Os entrevistados consistem em sujeitos sociais que modificam, transformam e produzem o espaço de moradia que lhes é oferecido. As entrevistas foram agendadas com cada entrevistado, gravadas e posteriormente transcritas. Também utilizamos dados secundários obtidos através de órgãos oficiais⁵. Combinado a isso, realizamos observações, quando visitamos os conjuntos habitacionais para realização das entrevistas.

Temos como fundamento teórico-metodológico as relações de vivência dos sujeitos sociais pesquisados (moradores e ex-moradores dos conjuntos habitacionais) com a cidade, esta enquanto totalidade, em que o morar e viver a/na cidade se completam numa articulação que permite que relações subjetivas; experiências progressas de habitar, nos termos de Lefebvre (2001), que envolve relações/vínculos sociais com suas casas (modelos horizontais entre os sujeitos pesquisados) e com os espaços externos, quintais, em que diversas práticas espaciais, sobretudo ligadas ao lazer eram praticadas; sejam possíveis. Ao evidenciar as particularidades que se estabelecem, para os moradores dos conjuntos habitacionais verticais, verificamos que o valor de uso se sobrepõe ao valor de troca, nos termos de Marx ao contrapor as ideias de Proudhon em a “distinção de valor” (2018, p. 33).

Para discutirmos a problemática, veremos como o abandono das moradias dos conjuntos habitacionais verticais em Três Lagoas está relacionado com as experiências de vida desses sujeitos sociais se contrapondo a imposição do estilo de moradias verticais implantadas pelo

⁴ Os nomes das entrevistadas são fictícios.

⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP - Secretaria de Habitação Municipal Três Lagoas – SHM - Ministério do Trabalho – MTE Ministério das Cidades - MCidades

Estado, por meio das atuais⁶ políticas de moradias populares.

2 Os conjuntos habitacionais em Três Lagoas: uma contextualização

O processo de especulação imobiliária e por conseguinte o *déficit* habitacional é tema de muitos estudos e pesquisas no Brasil. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, divulgados em 2015, apontam aproximadamente 7 milhões de famílias sem residência própria no país.

Na cidade Três Lagoas, no Estado de Mato Grosso do Sul (nosso recorte empírico), de acordo com o IBGE, 32% dos cidadãos possuem residência própria num total de 119 mil habitantes (2017). Desse percentual de residências, 3% são ocupadas por mais de três pessoas. Ou seja, uma parcela significativa dos moradores de Três Lagoas não possui residência própria.

Os governos municipais de Três Lagoas, em períodos e gestões diferentes, desenvolveram programas sociais de habitação para cidadãos que não possuem condições financeiras para adquirir sua casa própria. Atualmente são 3574 famílias atendidas pelo programa de habitação social da Prefeitura de Três Lagoas em parceria com os governos estadual e federal.

Até 2011, ano que teve início as obras do primeiro conjunto habitacional vertical da cidade de Três Lagoas, os conjuntos habitacionais eram de moradias horizontais. Em 2013, 1224 moradias verticais foram entregues pertencentes ao Conjunto Habitacional Novo Oeste e mais 1432, pertencentes ao Conjunto Habitacional Orestinho, foram entregues em três etapas, sendo a última em outubro de 2016⁷.

As moradias dos conjuntos habitacionais horizontais pertencem ao Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social – FNHIS, destinadas a pessoas com renda de zero a três salários mínimos. Os conjuntos habitacionais verticais, pertencem ao Programa de Subsídio Habitacional – PSH, para candidatos com renda de zero a um salário mínimo. Ambas construídas em parte com recursos do Programa Minha Casa Minha Vida.

Para ser contemplado o interessado deveria atender à alguns critérios, dentre os quais não possuir veículo automotor⁸, como nos conta Paula e Cibele:

⁶ As mudanças mais recentes (2019) no âmbito das políticas habitacionais no Brasil não serão discutidas neste texto.

⁷ Segundo dados da Secretaria Municipal de Habitação da Cidade de Três Lagoas/MS. Disponível em: www.treslagoas.gov.br/habitacao.

⁸ Essa exigência, dentre outras presentes nas falas dos sujeitos pesquisados, não se encontra oficialmente nos documentos para fornecimento das moradias, contudo está presente nos relatos.

Tivemos que dormir na fila, cheguei duas horas da tarde e já tinham distribuído as senhas, *ai* tive que ficar na calçada a noite *pra* esperar a senha do outro dia, todo mundo ficava porque eles distribuíam só 300 senhas por dia. *Aí* você entrava com um monte de papel, nem sei quanto papel tirei *xerox pra* habitação da prefeitura. E você não podia ter nada, tinha que ganhar um tanto *lá, aí* a mulher fazia a conta e se você tivesse dentro podia, se não perdia. Não podia ter carro, nem moto, nem nada, nem uma *Shineray* [*Shineray é um ciclomotor que não necessita de habilitação e não são cobrados impostos como de motos comuns*] que você perdia (Moradora do Conjunto Habitacional Orestinho).

Mas foi uma burocracia do caramba *pra* ganhar esse apartamento *ai*, quando saiu o sorteio. Na hora *lá* como tinha o nome do meu *ex* num PIS, só que nós *tava* separado, *ai* eu fui tirei o nome dele, me recadastrei no Bolsa Família e tirei, só que no sistema deles constava e se ele não fosse *lá* assinar eu não recebia o apartamento. Eu ia perder, fora a noite que *nós passou lá* pra fazer mesmo a inscrição, *nós passou* a noite *pousando* (dormindo) *lá* na calçada. Na calçada da habitação, ali na Sanesul, na lateral da Sanesul ali. Passamos a noite, cheguei *lá* três e pouquinho da tarde e saí só no outro dia meio dia da manhã. Passamos a noite ali, quem saía perdia o lugar na fila (Ex-moradora do Conjunto Habitacional Orestinho).

Para o Conjunto Habitacional Vertical Novo Oeste, 1600 famílias cadastradas pela prefeitura de Três Lagoas foram encaminhadas para a Caixa Econômica Federal – CEF, para o Conjunto Habitacional Vertical Orestinho, 1900 famílias foram encaminhadas. Desse total, 2656 famílias foram contempladas com a casa própria pelo programa habitacional da Prefeitura de Três Lagoas⁹ com a implantação das moradias verticais em cinco anos.

Contudo, ainda que o *déficit* habitacional seja uma realidade brasileira, que 30% da população de Três Lagoas tenha renda mínima inferior a um salário mínimo e de todos os tramites exigidos para ser contemplado, aproximadamente 1/3 das moradias verticais de ambos os conjuntos habitacionais verticais estão em processo de abandono, venda ou locações¹⁰.

Pressupomos que o direito a cidade, nos termos de Lefebvre (2008), e as prerrogativas previstas na Constituição Brasileira de 1988 e no Estatuto da Cidade¹¹, foram feridas na concepção e criação dos conjuntos habitacionais verticais Novo Oeste e Orestinho em Três Lagoas, cuja localização é evidenciada na Figura 1. Essa consideração também foi feita em pesquisas acerca da atuação, no processo de produção do espaço urbano, do Programa MCMV em diversas cidades não metropolitanas, dentre elas Presidente Prudente e Marília, nesse sentido, segundo Melazzo (2015, p. 394) se um lado garante o acesso à propriedade, de outro, nega o direito à cidade.

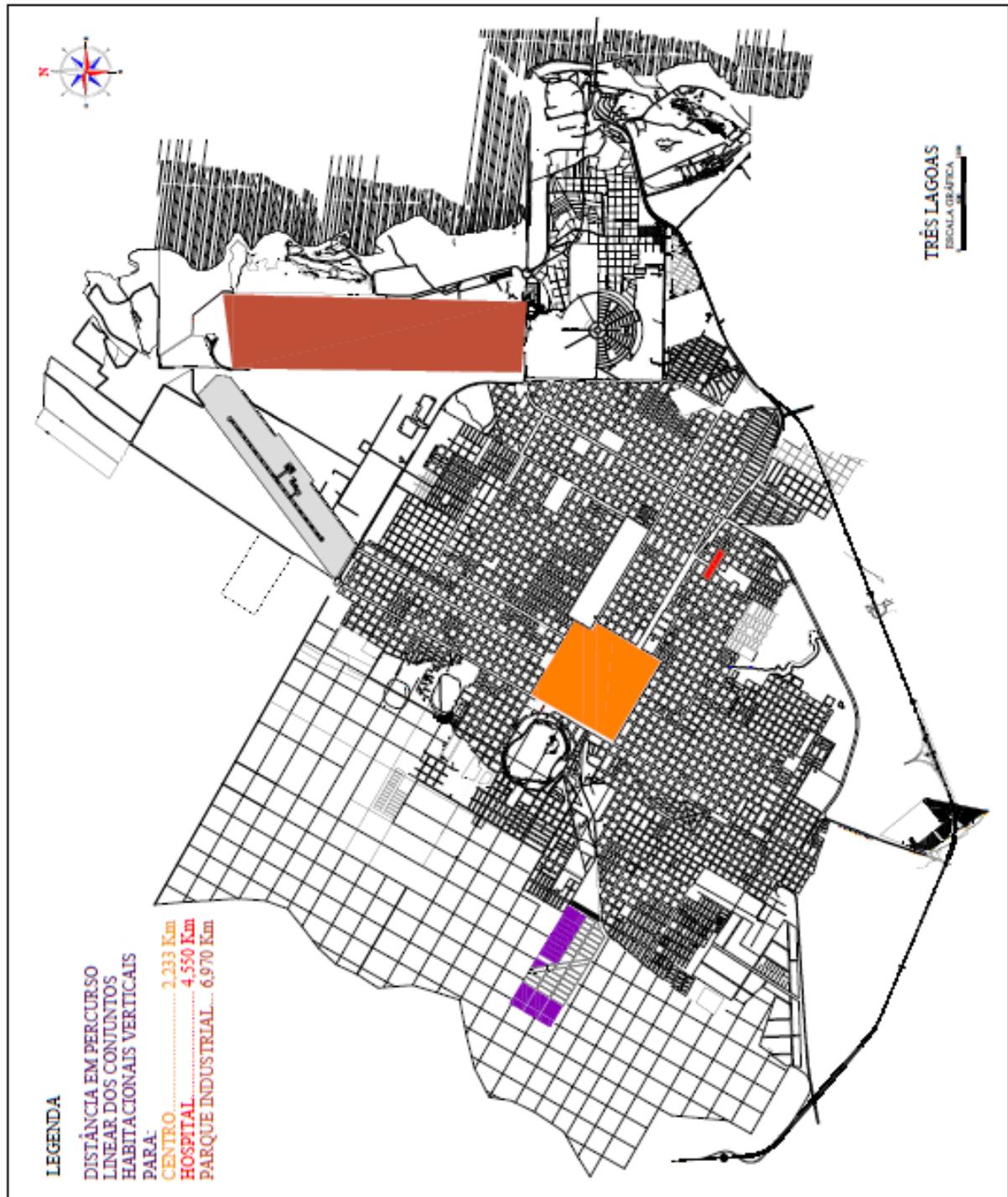
⁹ Todos os programas habitacionais foram em parceria com o governo estadual e federal.

¹⁰ Números divulgados pela Secretaria Municipal de Habitação da Cidade de Três Lagoas/MS. Disponível em: www.treslagoas.gov.br/habitacao.

¹¹ O Estatuto da Cidade, a Lei Federal nº 10.257 de 2001 que estabelece as diretrizes gerais, os instrumentos da política urbana e a gestão democrática das cidades.

Compreendemos nesse sentido que o direito à cidade não se restringe à obtenção da casa, mas ao acesso a cidade e aquilo que lhe é inerente; o direito à cidade abrange também, a mobilidade, o saneamento básico, acesso aos serviços de saúde e educação.

Figura 1 – Localização da área dos Conjuntos Habitacionais Verticais



Fonte: Prefeitura de Três Lagoas, 2019
Editoração: Rubenita Martins de Almeida; 2019

Escolas, supermercados, hospital distam 5 quilômetros em média dos conjuntos habitacionais verticais pesquisados. O Distrito Industrial, uma das principais áreas em que os moradores trabalham, se localiza a 10 quilômetros, o que dificulta o acesso por parte significativa dos moradores já que possuem dificuldades relacionadas a mobilidade urbana. Tendo em vista que o serviço de transporte coletivo da cidade é deficiente, como nos relatou Cibele.

Uma vez ou outra que eu ia fazer uma faxina ou alguma coisa, *ai* eu ia de bicicleta. Fazer compras também de bicicleta e o mercado mais próximo era o Nova Estrela na Glodoaldo Garcia (localizado a seis quilômetros dos CH). Agora tem o Thomé mas é caro, então a maioria prefere ir pro Nova Estrela. O Thomé é pra último caso. Posto de Saúde *pra* nós era ali no Santa Luzia, perto do CRASE (localizado a oito quilômetros dos CH), agora que tem o postinho, mas não tem um ano que tá funcionando. Tem gente que mora no CH e trabalha lá na Kid Calçados (localizado a dez quilômetros dos CH) e vai de bicicleta, porque pra usar o ônibus da empresa você precisa acordar três horas da manhã pra começar a trabalhar às seis, porque o ônibus passa aqui e vai pegando pela cidade. Aqui é um dos primeiros lugares, então passa as quatro da manhã e faz a rota toda pela cidade (Ex-moradora do Conjunto Habitacional Orestinho).

Verificamos que o direito a cidade discutido por Lefebvre (2001) foi desconsiderado na constituição dos conjuntos habitacionais verticais e que implica diretamente na vida cotidiana dos moradores desses conjuntos.

3 A resistência através do abandono: como vou criar meus filhos ali? O apartamento é um ovo

Esses fatores (sobretudo a distância, sempre relativa, em relação aos principais serviços e o transporte coletivo deficitário), combinados ou isolados, poderiam nos ajudar a compreender a saída dessas famílias dos conjuntos habitacionais verticalizados, porém a análise do cotidiano dos sujeitos sociais pesquisados para além dos dados quantitativos, encontramos especificidades que altera/produz/transforma o tecido urbano¹² através das práticas espaciais cotidianas dos sujeitos sociais que tanto reproduz os processos, quanto gera particularidades a partir de suas realidades para além dos aspectos econômicos, nos aponta Certeau (1994, p. 176):

Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão táctil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses

¹² Compreendemos o tecido urbano nos termos de Lefebvre (2001), que inclui a centralidade urbana (reunião, simultaneidade e negociações), neste caso, o acesso aos principais equipamentos urbanos que permanecem centralizados.

“sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade”, mas “não têm nenhum receptáculo físico”. Elas não se localizam, mas são elas que especializam.

Como discute Certeau (1994), vemos que os moradores dos conjuntos habitacionais verticais pesquisados apresentam elementos diferentes dos fatores expostos anteriormente (como a localização e as dificuldades em relação ao transporte coletivo) como “mola propulsora” para o abandono das moradias.

Cibele não reside mais no Conjunto Habitacional Orestinho, encontrou um companheiro e alugou uma residência também na área oeste da cidade (Figura 1), nas proximidades do conjunto habitacional, por quinhentos reais mensais. A casa é uma edícula, porém dispõem de mais espaço interno em relação ao apartamento¹³ do Orestinho; pelo que observamos (e medimos) e pela própria narrativa de Cibele. Além disso, a casa (alugada atualmente) possui quintal, área externa. Em relação à experiência de moradia no apartamento, quando questionada sobre área de recreação para as crianças Cibele afirmou que:

Ou você deixa trancado ou fica lá fora cuidando também (das crianças e dos adolescentes). Brincava um pouquinho lá fora mas já tinha que subir, se você largava lá fora você não sabia o que podia acontecer, se vai estuprar, se vai passar a mão, o que vai acontecer. *Nós chegou* a chamar a polícia uma vez porque tinha uma menina meio especial (com alguma deficiência mental). Ela contando que um cara fazia as coisas com ela, *né. Nós chamou* a polícia, aí o pai dela veio e tudo que ela tinha falado pra nós ali, o pai dela desmentiu a gente, ligou pra polícia e falou que era mentira (Ex-moradora do Conjunto Habitacional Orestinho).

Hoje (2019) após sua saída, em seu apartamento vive um parente da família oriundo de outra cidade.

Dentre as moradoras, Paula que reside no apartamento do Conjunto Habitacional Orestinho, afirmou ter vontade de se mudar, mas pretende comprar um terreno ou casa, não quer “viver de aluguel” depois de se mudar. Para ela o apartamento é suficiente uma vez que permanece pouco no local e tem uma vida cotidiana (trabalho, atividades de lazer, estudo etc.), dela e de suas filhas fora do conjunto habitacional, ou seja, em diferentes áreas da cidade.

Rebeca que reside no Conjunto Habitacional Novo Oeste, está em processo de venda do apartamento, possui três filhos, com as idades de doze, oito e seis anos. Segundo ela, apesar dos apartamentos do Conjunto Habitacional Novo Oeste possuírem área total maior que o Conjunto Habitacional Orestinho, *a vida aqui é ficar no apartamento, não dá pra sair, não dá pra fazer nada. As crianças ficam no celular o dia todo, só sai quando estão na escola.* Para Rebeca, o

¹³ 32m², mais fração ideal da área construída, ou seja, a parte indivisível e indeterminável das áreas comuns e de terreno, correspondente à unidade autônoma de cada condômino.

problema não é a falta de infraestrutura, *tem quadra, mas a gente não sabe quem vai tá lá*, é a ausência do Estado que não mantém a segurança e nem promove ações para as crianças do conjunto habitacional. Rebeca está em processo de venda do apartamento para um interessado, segundo ela o indivíduo trabalha numa empresa de papel e celulose do município, *o rapaz não tem mais de 25 anos, é solteiro, pra ele tá bom, fica pouco, só pra dormir*. Rebeca está vendendo seu apartamento por treze mil reais que *é a entrada de uma casinha nas proximidades*.

Barbara possui quadro filhos de 08, 10, 13 e 15 anos, e se mudou do apartamento do Conjunto Habitacional Novo Oeste pelos filhos, segundo ela. Assim como Cibele, alugou uma casa também na área oeste da cidade, nas proximidades do conjunto habitacional. A casa, no entanto, é maior do que a de Cibele, mas possui um espaço externo (quintal) menor. Barbara vendeu o apartamento por quinze mil reais, recebeu parte do pagamento numa moto, combinada a uma entrada de três mil reais e o restante do valor dividido em parcelas, mas explicou que essas parcelas não são fixas e mudam de acordo com os vencimentos do comprador que é autônomo.

Ao ser questionada pelos motivos que a levaram a deixar o apartamento, Bárbara foi enfática:

Como vou criar meus filhos *ali*, o apartamento é um ovo, não *dá pra* deixar brincar fora porque você não sabe quem *tá lá*. Os mais velhos até obedeciam, mas o pequeno era fechar o olho e ele já fugia. O Igor (companheiro), chegava do trabalho e o vizinho de baixo *tava* sempre esperando *pra* pedir dinheiro, ele tinha que dar, porque você não sabe, *né?* Não dava *pra* receber ninguém, o povo tinha medo só de falar que era *lá*, a gente não tinha vida. Aqui é pequeno ainda, mas a gente tem vida, os meninos brincam *ai* na frente, na rua, os vizinhos entram *pras* casas, cada um na sua, ninguém perturba ninguém. Olha só (mostrando com a mão a área externa onde estávamos), aqui *dá pra* receber o povo, conversar, ficar com o portão aberto, entendeu? (Ex-moradora do Conjunto Habitacional Novo Oeste).

Procuramos tecer algumas comparações entre as entrevistadas para compreender o processo de saída dos apartamentos, haja vista o período de moradia nos apartamentos em média de três anos. Para isso algumas informações são necessárias destacar: Cibele, Rebeca e Barbara, vivem em Três Lagoas desde que nasceram e Paula, vem de outra cidade (Ponta Porã/MS).

No âmbito das semelhanças, as quatro entrevistadas sempre moraram em casas térreas, com quintais. No que diz respeito às diferenças Cibele, Rebeca e Barbara possuem mais relações (inclusive subjetivas, como lugares que conhecem desde a infância, amigos, familiares, áreas de lazer etc.) com a cidade, segundo suas narrativas acerca das práticas cotidianas, ao contrário de Paula que vem de outra cidade sem familiares ou lugares com relações

historicamente afetivas em Três Lagoas, demonstrou ter menos identidade com a cidade.

Para Paula é um recomeço e para Cibele, Rebeca e Barbara é uma continuidade das relações que estabeleceram ao longo de sua história enquanto moradoras de Três Lagoas. Todas possuem visões diferentes das relações com os Conjuntos Habitacionais Novo Oeste e Orestinho e todas estão em processo de aquisição de moradias horizontais nas proximidades, segundo seus relatos.

Os relatos das moradoras reforçaram questões relacionadas às diferentes experiências socioespaciais na e da cidade, a partir de onde moram. Para as entrevistadas, o modelo de moradia vertical com espaços comuns (áreas de lazer, estacionamento interno e até o prédio em si uma vez que, segundo os relatos dos sujeitos sociais pesquisados, o fato de deixar a porta aberta do apartamento gera reclamação de barulho do vizinho) é o principal motivo pelo abandono uma vez que não permite a continuidade de suas relações sociais pregressas, a reprodução do seu habitar¹⁴(LEFEVBRE, 2001).

Combinado a isso, valorizaram a liberdade de receber alguém a qualquer hora, a possibilidade de as crianças brincarem numa área externa sem precisar de supervisão, ter um jardim ou horta ou mesmo uma área com churrasqueira. Não tendo a localização ou o direito a cidade, nos termos de Lefebvre, como fator determinante, pois elas não se sentem excluídas nesses parâmetros, ou seja, fora dos principais serviços oferecidos pelo centro ou mesmo a distância que precisam percorrer para os afazeres cotidianos como ir à escola ou trabalho, mas em outros como exposto na fala de Cibele, quando questionada sobre o principal motivo que a fez abandonar sua moradia.

Privacidade, espaço. *Ali* como você assa uma carne? Tem o lugar *pra* você assar, tudo aberto, o quiosque é aberto. Se você compra um quilo de carne *pra* almoçar numa família de três pessoas você tem que comprar dez porque as crianças vão ficar tudo *ali* em cima olhando. Você não faz uma festa *ali* que vem uma porção de gente também. As vezes eu assava *ali* embaixo mesmo do meu apartamento, mesmo assim, vai fumaça *pra* dentro dos apartamentos dos vizinhos, o barulho, o som, você não tem privacidade *ali*. Ou você ficava o dia inteiro trancada dentro de casa ou você *ia* *pra* casa de alguém da família na cidade. Nossa! Eu *tava* me sentindo num presídio *ali*. Você vê essa casa agora (ela mostra a casa que mora com a mão evidenciando o espaço que possui), uma hora dessas (hora da entrevista) *nós estava* trancada dentro do apartamento de porta fechada (Ex-moradora do Conjunto Habitacional Orestinho).

Nesse ponto estabelecemos a comparação com a cidade de São Paulo/SP, no que diz respeito as moradias verticais com a mesma área (metragem) e que são comercializadas por 145

¹⁴ Habitar para Lefebvre (2001, p. 23) habitar é participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade, a vida urbana detinha essa qualidade, esse atributo.

mil reais¹⁵. Neste caso metropolitano, um dos fatores determinantes é a localização, a facilidade de ir e vir em uma cidade com mais de 12 milhões de habitantes¹⁶.

Ainda assim, essas moradias verticais que possuem a mesma área dos conjuntos habitacionais verticais de Três Lagoas são, na sua maioria, habitadas por uma a duas pessoas que buscam melhor locomoção nas atividades cotidianas, sobretudo ligadas ao trabalho. Característica que podemos constatar ao verificar o perfil dos moradores que compram/alugam as moradias dos conjuntos habitacionais verticais em Três Lagoas, ou seja, a moradia será habitada apenas por uma ou duas pessoas.

Considerando a afirmação de Carlos (2004), o espaço urbano sofre transformações resultantes das transformações sociais, pois é simultaneamente meio, condição e produto para e da reprodução social. Nesses termos, evidenciamos que é preciso compreender as relações intrínsecas existentes entre os interesses e ações do poder público e o cotidiano dos moradores dos conjuntos habitacionais verticais em Três Lagoas para apreender o processo de abandono das moradias pertencentes aos conjuntos habitacionais verticais como resistência a uma lógica advinda de outras escalas – moradias em formatos verticais, combinado a isso o modo de vida inerente a esse estilo de moradia (taxas de condomínio, área de lazer coletiva, pouca proximidade entre os vizinhos, entre outras).

O abandono das residências (dos apartamentos) próprias mesmo depois de atenderem aos critérios para aquisição pode estar ligado ao formato vertical que essas residências foram planejadas e construídas, ligado a constituição de um conjunto habitacional sem considerar a relação dos moradores com as experiências espaciais pregressas na cidade. O aprisionamento que essas moradias representam para as moradoras entrevistadas, que possuem experiências espaciais relacionadas a moradias térreas, com quintais e outros tipos de relações de vizinhança.

A resistência como resposta a uma lógica¹⁷ advinda de outras escalas combinado aos interesses estratégicos de alguns agentes produtores do espaço urbano de Três Lagoas, evidenciam a atuação dos sujeitos sociais na forma de resistência; e a partir desta contradição modificam e produzem o espaço urbano ao que lhes é imposto pelo Estado, na forma de abandono das moradias verticais.

No âmbito das relações (contraditórias) entre lógicas advindas de diferentes escalas e de diversos interesses, para Carlos (2002, p. 170), o processo de produção/reprodução do espaço envolve vários níveis articulados historicamente.

¹⁵ Segundo dados do SECOVI/SP. Pesquisa do Mercado Imobiliário, divulgados em 2017.

¹⁶ Segundo estimativas divulgadas pelo IBGE em 2016.

¹⁷ Moradias verticais.

(...) parece-me fundamental o fato de que o processo de produção/reprodução do espaço se realiza de modo ininterrupto, apresentando, em cada momento da história, características específicas – um processo que envolve vários níveis: o político que produz o espaço de dominação (posto que o poder político se realiza no espaço); o econômico que produz o espaço como condição e meio da realização da acumulação e, finalmente, o social, isto é, a realização da vida cotidiana enquanto prática sócio-espacial. Esses três planos articulados e justapostos revelam a dinâmica espacial iluminando os conflitos e contradições em torno desta produção.

A cidade, nos termos de Lefebvre (2001) se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de ordem próxima (relações dos indivíduos e dos grupos sociais) e a ordem distante, ou seja, a ordem da sociedade, regida por instituições (Igreja, Estado, por exemplo). Para o autor, contida na ordem distante, a cidade, projeta-se sobre um terreno e sobre um plano, o plano da vida imediata; a cidade inscreve essa ordem, escreve-a, um texto num contexto. Nesse sentido compreendemos a formação socioespacial¹⁸ das cidades como o *contexto* trazido por Lefebvre (2001, p. 52), ou seja, a ordem distante se relaciona com o espaço já produzido da cidade, isso inclui as relações sociais, modos de vidas dos sujeitos sociais.

Para Lefebvre (1999), a prática socioespacial cotidiana, geralmente relegada a segundo plano sendo vista como reflexo da lógica capitalista que valoriza *as coisas* em detrimento ao *homem*, apresenta no tecido urbano as tensões, conflitos, contradições e enfrentamentos, ainda que aparentemente silenciosos e individuais.

4 O Estado x cidadãos: as especificidades que transformam o tecido urbano

Para o Poder Público o estilo de moradia vertical implantado na cidade de Três Lagoas é conveniente uma vez que propicia o fornecimento de um número significativo de moradias, são 2656 moradias no total pertencentes aos Conjuntos Habitacionais Novo Oeste e Orestinho, em uma área menor, combinado ao processo de valorização de terras da área oeste da cidade (que atende aos interesses dos proprietários de terra). Esse número de moradias não seria possível no formato horizontal tendo em vista que até 2011, após vários conjuntos habitacionais horizontais serem finalizados, 918 famílias foram contempladas com o programa social de habitação da prefeitura, número menor em relação aos conjuntos verticais.

Muitas famílias que receberam moradias nos conjuntos habitacionais verticais se cadastraram para moradias horizontais antes da concepção e construção dos conjuntos

¹⁸ Santos (1977) propõem a formação socioespacial como conceito e como método de análise, como adotamos neste texto. Ele considerou as especificidades no interior de uma formação econômica e social associadas às especificidades ou diferenças espaciais e, nesse sentido, as formações socioespaciais são expressões da inseparabilidade entre sociedade e espaço.

habitacionais verticais, mas foram sorteadas e aceitaram as moradias verticais, como nos informa Rebeca.

Na verdade, quando eu fiz essa inscrição era casa (moradia horizontal) que eles *tavam* dando, só que quando meu nome foi sorteado, depois de dez anos meu nome saiu no sorteio *pra lá, pro* apartamento. Elas davam casa no Jardim Imperial (zona Oeste da cidade), esses depois da Vila Verde, *ai* meu nome não saiu no sorteio quando foi as casas. Por causa dos custos, né, eles falam (Prefeitura). Porque as casas *tem* quintal, são grandes as casas, *dá* pra você fazer uma mansão *ali* naqueles terrenos. Então o que eles (Prefeitura) perdem no quintal eles ergue *pra* cima, fazendo apartamento pequeno (Moradora do Conjunto Habitacional Novo Oeste).

Esse processo, além de permitir que um número significativo de moradias sociais seja concebido, ainda permite uma articulação entre diferentes agentes produtores do espaço urbano (CORREA, 1995), como os proprietários de terras e os promotores imobiliários, que se beneficiaram com a criação de unidades habitacionais sociais no local.

Entre os Conjuntos Habitacionais Novo Oeste e Orestinho, está localizado o Loteamento Residencial Orestes Prata Tibery Junior, com lotes de 360m² e pagamento parcelado em até 180 meses, segundo os anúncios imobiliários, o loteamento dispõem de infraestrutura. Verificamos que esta foi implantada pela prefeitura em função dos conjuntos habitacionais verticais.

Retomando a ideia inicial, o abandono das moradias é tão significativo que a atual gestão municipal solicitou a Caixa Econômica Federal uma fiscalização sobre a venda/aluguel ilegal dos imóveis pertencentes aos conjuntos habitacionais verticais, em resposta a CEF informou que a fiscalização é de responsabilidade da prefeitura¹⁹.

A Lei Estadual “Morar Legal” de 2016, que a atual gestão municipal (2017-2020) está em processo de implementação, objetiva regularizar as moradias que foram compradas com *contrato de gaveta* que é visto como um documento particular de compra e venda confeccionado entre as partes interessadas (vendedor e comprador), sem a intervenção da imobiliária ou instituição bancária que é alienante do imóvel e com efeito jurídico duvidoso entre aqueles que o celebraram (JUSBRASIL, 2019) em Três Lagoas, porém não contempla as moradias dos conjuntos habitacionais verticais.

Segundo a Caixa Econômica Federal, os imóveis pertencentes ao Programa de Subsídio Habitacional – PSH, que contempla as moradias dos Conjuntos Habitacionais verticais Novo Oeste e Orestinho, não podem ser comercializadas até finalização dos pagamentos e emissão das escrituras.

¹⁹ Nota divulgada em 2018 no site da Prefeitura de Três Lagoas/MS.

Verificamos desta maneira, uma relação de forças entre a população mais pobre (os cidadãos de baixa renda que necessitam do programa de moradia social) e o capitalismo tendo o Estado como mantenedor do *status quo*, ou seja, a organização atual da sociedade criando forças coibitivas através de Leis que direcionam o processo de produção do espaço urbano (SANTOS, 1993).

Alguns moradores/ex-moradores dos Conjuntos Habitacionais Novo Oeste e Orestinho fazem parte, do que denominam, uma invasão²⁰ em outro local da periferia da cidade e serão beneficiados pelo Projeto Lote Urbanizado²¹, isso é possível uma vez que não possuem casamento oficial ou contrato de união estável, assim um dos cônjuges ou um dos filhos maiores participa de outros projetos ligados a Programas de Habitação Social.

Ao saírem dos apartamentos, esses sujeitos sociais articulam novas configurações no tecido urbano, conflitam suas vontades/necessidades a lógica capitalista e com o Estado, força tanto o Estado quando o capital a se adaptar, a novas reproduções mesmo imperceptíveis, como discutido por Certeau (1994, p.172).

Escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível. Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneira de fazer”), a “uma outra espacialidade” (uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade *opaca* e *cega* da cidade habitada. Uma cidade *transumante*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível.

A arte de modificar o que lhes é imposto por escalas mais amplas dos cidadãos que residem nos conjuntos habitacionais verticais criam especificidades a partir do cotidiano, processo que modifica o planejado e articulado por outros agentes produtores do espaço.

5 Conclusão

A resposta as imposições de modelos de moradias que ferem a concepção e que esses cidadãos não reconhecem como parte da sua vida cotidiana, se apresenta no urbano através do abandono das moradias verticais, na construção de leis próprias indiferentes ao desejo do Estado (BOUDIEU,2007).

²⁰ Utilizamos o termo “invasão” pela presença na fala dos sujeitos sociais pesquisados, como no exemplo: *Nós, não é casado no papel, então o Luiz tá lá na invasão* (Rebeca, moradora C. H. Novo Oeste).

²¹ Projeto Lote Urbanizado – 146 famílias serão beneficiadas com programa de habitação social entre governo do estado e do município. Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/noticias>.

As práticas cotidianas dos moradores dos conjuntos habitacionais verticais em Três Lagoas revelam a resistência ao estilo de moradia vertical implantado pelo Estado. A resistência a esse estilo de moradia deve-se em parte a forma como foram concebidas, moradias verticais, onde as relações socioespaciais longamente tecidas (SANTOS, 2002) são desconsideradas em prol dos interesses de agentes hegemônicos que produzem o espaço urbano com apoio do Estado capitalista.

A continuidade das práticas cotidianas fundamentais para esses cidadãos, moradores dos conjuntos habitacionais verticais, reduz a importância da casa própria nos moldes impostos que, para eles, não representa uma moradia que permita qualidade de vida. Qualidade ligada a poder cultivar, a receber amigos e parentes, ao brincar das crianças sem risco, a uma relação de vizinhança que permita privacidade e convívio, dentre tantas outras presentes nas falas dos sujeitos sociais pesquisados.

A construção dos Conjuntos Habitacionais Novo Oeste e Orestinho, iniciados em 2011, na área oeste de Três Lagoas, confere uma (re)valorização das terras devido aos investimentos em infraestruturas e o aumento do comércio configurado a concentração de pessoas na área, são mais de quinze mil pessoas nos conjuntos habitacionais verticais pesquisados.

O abandono, por parte de algumas famílias, dos apartamentos comprova que algumas políticas de habitação social pensadas a partir de interesses externos, que desconsideram relações pregressas dos sujeitos sociais com a cidade e tendem a desestruturar a lógica da organização local, são passíveis de serem contestadas. Contestações e resistências que se dão entre as articulações do Estado com os proprietários de terras versus cidadãos a quem se propõem esses estilos de moradias, consolidando o que Maricato (2002) chama de “ideias fora do lugar”.

Referências

ABREU, Marlon Altavini de; STOIAN, Victor Chirillo de Oliveira. Produção habitacional e o novo mapa das desigualdades socioespaciais em cidades médias a partir do programa MCMV: Londrina e Ribeirão Preto. In: **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 4, p. 60-84, 2019

AZEVEDO, Sérgio de; ANDRADE, Luis Aureliano Gama de. **Habitação e Poder: Da Fundação da Casa Popular ao Banco Nacional Habitação**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011

BARON, Cristina Maria Perissinotto. **A Produção da Habitação e os Conjuntos Habitacionais dos Institutos de Aposentadorias e Pensões – IAPS**. **TÓPOS** V. 5, N° 2, p. 102 - 127, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11^a ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O espaço urbano**. Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011. 157 p.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAGAS, C. A. M. **A periferização da pobreza e da degradação sócio-ambiental na Região Metropolitana de São Paulo: o caso de Francisco Morato**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COLOGNESE, Silvio Antônio; MELO, José Luiz Bica. **A técnica de entrevista na pesquisa social**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p.143 – 159, 1998.

CORTÉS, José Miguel G. **Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3^a ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LINDÓN, Alicia. Geografías de la vida cotidiana. IN: _____; HIERNAUX, Daniel; BERTRAND, Georges (Orgs.). Tratado de geografia humana. Barcelona: Anthropos, 2006.

MARICATO, Ermínia. **As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias**. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARX, Karl. **A MISÉRIA DA FILOSOFIA**. São Paulo: Lafonte, 2018.

MELAZZO, Everaldo S. Interações, combinações e sinergias: produção do espaço urbano, dinâmicas imobiliárias e o programa minha casa minha vida em cidades médias brasileiras. In: BELLET, Carmen. MELAZZO, Everaldo S. SPOSITO, Maria E. B. LLOP, Josep M. (org.) **Urbanização, produção e consumo em cidades médias/intermediárias**.

Universidade Estadual Paulista - Presidente Prudente, Edicions de la Universitat de Lleida, Presidente Prudente y Lleida, 2015.

MILANI, Patrícia Helena. **A produção da diferenciação socioespacial em Catanduva e São José do Rio Preto-SP: uma análise a partir do cotidiano de moradores de espaços residenciais fechados.** 2016. 252 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras.** 8. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. **A Urbanização Brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. Sociedade e espaço: formação social como categoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 56, p. 81-99, jun. 1977.

_____. **O país distorcido.** São Paulo/SP. Publifolha, 2002.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismos e Urbanização.** Rio de Janeiro. Editora Contexto, 1988.

SENE, Eustáquio de. **Globalização e espaço geográfico.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (orgs.). **A cidade contemporânea: Segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2013.

WEIL, Pierre; TOMPAKOU, Roland. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 74ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa do Mercado Imobiliário. SECOVI/SP; São Paulo, jan. 2019. Disponível em:
<http://www.secovi.com.br/downloads/pesquisas-e-indices/pmi/2019/arquivos/201901-pmi.pdf>
Acesso em 21/03/2019.

IBGE – CENSO DEMOGRÁFICO 2010 <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-do-ibge/censo-demografico-ibge-2010.pdf>

_____. <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/> Acesso em 30/03/2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS LAGOAS/MS Disponível em:
<http://www.treslagoas.ms.gov.br/prefeitura-reforca-criterios-para-cadastro-de-candidatos-ao-programa-minha-casa-minha-vida/> Acesso em 30/03/2019